

Tempo Comum - 31º Domingo

Serra do Pilar, 5 novembro 2017

Levanto os meus olhos para os montes:
donde me virá o auxílio?
O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra!

**O Senhor nos dê a sua bênção,
resplandeça sobre nós a luz do Seu rosto!**

Irmãos:

Como aconteceu no Antigo Testamento, também a Igreja acabou muitas vezes por pôr de lado a igualdade absoluta de todos os homens.

A humildade é a virtude dos pobres mas também a força que corrige o pecado que, tantas vezes, tornou a Igreja de Cristo irreconhecível, esquecendo que os maiores é que são os servidores dos mais pequenos.

Mas a hipocrisia, a quem o Mestre dirigiu as suas setas mais certas, pode corromper a própria humildade fazendo dela um pedestal do orgulho.

Kyrie, eleison!
Christe, eleison!
Kyrie, eleison!

Deus misericordioso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
Ámen!

Oremos (...)

Dá, Senhor, à tua Igreja
a força que renova todos os envelhecimentos
que tendem a fazê-la voltar
à incapacidade de defender a igualdade fundamental
de todos os membros do teu Povo.

Na tua Igreja, na constituição que lhe deste,
o mais pequeno é o maior
e só é grande quem se fez pequeno.

Por Jesus to pedimos, na Unidade do Espírito Santo.

Ámen!

Leitura do Livro da Profecia de Malaquias (Ml 1,14b - 2, 2b.8-10)

Eu sou um grande Rei, diz o Senhor do Universo, e o meu nome é terrível entre as nações. Agora, este aviso é para vós, sacerdotes: se não me ouvirdes, se não vos empenhardes em dar glória ao meu nome, diz o Senhor do Universo, mandarei maldição sobre vós e amaldiçoarei a vossa bênção. Vós desviastes-vos do caminho, fizestes tropeçar muitos na Lei e destruístes a aliança de Levi, diz o Senhor do Universo. Por isso, como não seguís os meus caminhos e fazeis aceção de pessoas perante a Lei, também Eu vos tornarei desprezíveis e abjetos aos olhos de todo o povo. Não temos todos nós um só Pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Então porque nos atraioamos uns aos outros, profanando a aliança dos nossos pais?

Salmo responsorial (do Salmo 131)

**Guardai-me junto de vós,
na vossa paz, Senhor!**

Senhor, o meu coração não é orgulhoso
nem os meus olhos são altivos;
não corro atrás de grandezas,
os meus sonhos são projetos de pobre!

Eu conservo a tranquilidade da minh'alma
como criança saciada ao colo da mãe;
põe, Israel, a tua esp'rança no Senhor,
desde agora e para sempre!

Leitura da 1.ª Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses

(1Ts 2,7b-9.13)

Irmãos: [Eu, Silvano e Timóteo] Fizemo-nos pequenos no meio de vós. Como a mãe que acalenta os filhos que anda a criar, assim nós também, pela viva afeição que vos dedicamos, desejaríamos partilhar convosco não só o Evangelho de Deus, mas ainda a própria vida, tão caros sois para nós. Bem vos lembrais, irmãos, dos nossos trabalhos e canseiras. Foi a trabalhar noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, que vos pregámos o Evangelho de Deus. Por isso, também nós damos graças a Deus sem cessar, porque, depois de terdes recebido a palavra de Deus por nós pregada, a acolhestes, não como palavra humana, mas como ela é realmente, palavra de Deus, que permanece ativa em vós, os crentes.

Aleluia!

Um só é o vosso pai, o pai celeste;
um só é o vosso mestre, Jesus Cristo.

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 23,1-12)

Naquele tempo, Jesus falou à multidão e aos discípulos, dizendo: *Na cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis as suas obras, porque eles dizem e não fazem. Atam fardos pesados e põem-nos aos ombros dos homens, mas eles nem com o dedo os querem mover. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens: alargam as filactérias [as tiras de pergaminho com passagens da Bíblia escritas, que os judeus traziam na testa], ampliam as borlas; gostam do primeiro lugar nos banquetes e dos*

primeiros assentos nas sinagogas, das saudações nas praças públicas e que os tratem por ‘Mestres’. Vós, porém, não vos deixeis tratar por ‘Mestres’, porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. Na terra, não chameis a ninguém vosso ‘Pai’, porque um só é o vosso pai, o Pai celeste. Nem vos deixeis tratar por ‘Doutores’, porque um só é o vosso doutor, o Messias. Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.

Aleluia!

Homilia

Se o mundo europeu estava muito mal — o século XIV tinha sido “desgraçado” — a Igreja estava pior.

Primeiro, desde 1054 que a Igreja estava partida em duas: a ortodoxa e a romana, num Cisma dito “do oriente” (*skisma*, palavra grega > separação). Os cabeças das Igrejas ocidental e oriental, Roma e Constantinopla, excomungaram-se mutuamente. Até hoje, apesar de todos os perdões! **Depois**, num período de 40 anos, 1378 e 1417, outro cisma, este “do Ocidente”. Houve neste tempo dois Papas ao mesmo tempo. A França acusava que o Papa era sempre e só romano — e o papa foi viver para Avinhão, na França; a Itália apareceu logo a dizer que Papa só em Roma, e logo arranjaram outro que ficou em Roma. Dois Papas, cisma do Ocidente.

Dentro da Igreja, de resto, na Igreja de Jesus!, o padre era o único cristão: o leigo não tinha, não podia, não sabia, ninguém o ensinava, ele só tinha que fazer o que os clérigos mandavam; os leigos cumpriam sem perceber porquê nem para quê.

Os leigos eram uma desgraça mas os Papas eram pior, preocupados apenas com os estados pontifícios e com as suas famílias. A sua vida moral nem dela se deve falar aqui. Tinham filhos que depois eram cardeais e coisas do género... Os papas não eram papas, eram militares e políticos..., eram apenas papas-reis ou reis-papas.

E tinham os cristãos que fazer muitas coisas para se salvar: muitas devoções piedosas, culto de santos, relíquias, peregrinações, jejuns, sacrifícios, rezas, as 1as sextas feiras chegaram mais tarde... Mas já havia Purgatório que “purgava” os pecados até à sua eliminação completa... Só assim as almas podiam chegar à presença de Deus.

Mas mais. Em vida, os cristãos podiam enviar *pontos* para as almas do Purgatório. De cá (deste mundo) ajudavam-nas assim a sair de lá (do Purgatório); mas podiam também depositá-los na sua conta, o que lhes permitia libertar-se mais depressa do fogo do Purgatório, se lá caíssem. Para isso, já se celebravam muitas missas, é verdade. Mas surgiu então outra maneira de acumular *pontos*.

Roma queria e estava a construir os palácios da Renascença.

À volta do papado, cardeais e patriarcas, bispos e arcebispos, abades e monsenhores, prefeitos apostólicos, prelados e vigários, todos queriam era rendas (dinheiro). Formação teológica não existia, tudo vivia na incultura, na ociosidade, no concubinato.

E o pobre homem ou mulher, ainda se não chamava leigo nem leiga, se viviam preocupados era a *sua* salvação, a salvação da sua alma: Céu, Inferno ou Purgatório? É aqui que começa o individualismo, como disse já na semana passada: eu quero é salvar a minha alma; tu arranja-te como puderes! Neste quadro histórico ressurgiram as novas indulgências.

Os papas de Roma, cidade em ruínas, quiseram fazer nela um céu na terra. Que ainda hoje existe: Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Botticelli, Rafael, Bramante, capela Sistina, etc, etc, etc. Mas como pagar isto tudo?

Já à missa só se *assistia*, portanto dela *não participava* a assembleia (enquanto o padre *botava* a missa, os nossos avós rezavam o terço!); já a **Bíblia** não se lia, que ninguém sabia latim e ela não se podia traduzir para as línguas vernáculas porque tinha muitas coisas que... (eu ainda sou do tempo em que o IX Canto *d’Os Lusíadas* também não se podia ler nem imprimir em livros escolares).

Tempos de muitas estupidezes!

A questão das indulgências, hoje, é difícil de explicar e entender.

Na Igreja primitiva havia três pecados que impediam a comunhão com Deus e com os irmãos: o homicídio, o adultério e a negação da fé. Para ser readmitido na comunidade, isto é “na Igreja”, o penitente tinha de

converter-se (tempo houve em que tinha de fazer um catecumenato penitencial de anos muitos, de meses então, etc).

Esta dura exigência ..., 1º) alargou a lista de pecados, 2º) mas também amoleceu a dureza do tempo penitencial. E a Igreja começou a ter *indulgência* com o pecador. Esta palavra latina tem uma amplitude muito grande, mas é aqui um sinónimo de *condescendência*, de *tolerância*.

Estávamos no século XVI. E que aconteceu?

Em 1506, o Papa Júlio II (1503-1513) prometeu indulgências — perdão ou abrandamento de certas obrigações penitenciais — a quem ajudasse com dinheiro a construção da basílica de S. Pedro, em Roma. O pior, um verdadeiro escândalo, foi quando no Sagrado Império romano-germânico (digamos na Alemanha) se organizou uma campanha que distribuía indulgências mas exigia que se pagasse uma taxa: um “autêntico negócio pecuniário”.

Contra esta pouca-vergonha, levantaram-se muitas vozes: “A descomposição da Igreja era tal que absolutamente se levantaram vozes em busca do autêntico cristianismo, à procura de Deus e da sua graça; isso implicaria limpar o campo da fé de toda a prostituição”.

Mas o nosso Lutero não disse que a salvação depende unicamente da fé e da graça de Deus (*solus Deus, sola fides, sola gratia*: os três *solus* de Lutero).

Daqui nascerá uma nova conceção da Igreja. A Hierarquia, o sacerdócio ministerial, o Papado, não têm razão de ser. Lutero dirá mesmo que este último é “uma invenção do Diabo”.

Rejeitada a Igreja podre, visível e institucional, começa a perceber-se que era necessário voltar à Bíblia (nem todos saberão que a imprensa nascera em 1445, 38 anos antes do nascimento de Lutero: o primeiro livro impresso por essa “épica invenção” foi a Bíblia, que rapidamente se espalhou por todo o mundo e que permitiu que se voltasse à Sagrada Escritural!).

Tudo isto na busca de «“um povo novo”, o “novo povo da fé”, nascido da água e do Espírito Santo, povo cuja cabeça é Cristo, povo que cresce e se aperfeiçoa no meio de luzes e sombras, de pecadores e santos, de perseguidores e hereges, povo que Deus vivifica e conduz à glória futura» (texto de Lutero).

Preces

Ajuda-nos, Senhor, a que aquilo que acreditamos,
esperamos e amamos nos mantenha sempre unidos,
para além das diferenças de latitudes e longitudes da fé.

**Senhor, atende à nossa voz!
Senhor, escuta o nosso grito de esperança!**

Concede, Senhor, que os teus fiéis nunca se desiludam
com os fracassos e saibam aprender com eles,
que só tu és a nossa Esperança.

Concede-nos, Senhor, a capacidade de sairmos à procura
dos que no meio de nós se perdem,
como quem se procura a si próprio.

Na nossa comunidade, Senhor,
que a procura dos Sinais dos Tempos nunca esmoreça
e que a sua dureza nunca intimide ninguém.

Comunhão

**Vinde comer do meu pão, vinde beber do meu vinho.
Vinde todos ao banquete!**

A sabedoria edificou a sua casa e levantou sete colunas,
matou os animais, preparou o vinho e pôs a sua mesa.

Eu Sou o Pão vivo descido do céu, quem comer deste pão
viverá eternamente, viverá eternamente.

Oração final

Oremos (...)

Tu, que renovas as nossas forças, Senhor,
com este "pão do céu",
ajuda-nos sempre com a força da tua Graça,
fortalece-nos sempre em todos os dias da nossa vida,
de modo que possamos ter lugar à tua Mesa,
o Reino que sonhamos.

Mas alimenta sempre a nossa esperança
e faz-nos dignos do Teu Reino.

Por Jesus, o Cristo, to pedimos,
pois que no-lo enviaste a salvar
o que estava perdido (Mt 18,11),
na Unidade do Espírito Santo!

Ámen!

Final

Benedic, anima mea, Dominum!

Bendiz, ó minha alma, o Senhor!

LEITURA DIÁRIA

- 2.^a-feira: Rm 11,29-36; Sl 68; Lc 14,12-14
- 3.^a-feira: Rm 12,5-16a; Sl 130; Lc 14,15-24
- 4.^a-feira: Rm 13,8-10; Sl 111,1,2,3; Lc 14, 25-33
- 5.^a-feira: Rm 14,7-12; Sl 26; Lc 15,1-10
- 6.^a-feira: Rm 15,14-21; Sl 97; Lc 16, 1-8
- Sábado: Rm 16,3-9.16.22-27; Sl 144; Lc 16, 9-15